

Primeiro, solução na área política

por Paulo de Alencar
de Salvador

O ex-ministro da Fazenda e do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, disse ontem, em Salvador, que enquanto não forem resolvidos os impasses na área política, o País permanecerá com os problemas econômicos sem solução. A afirmação de Simonsen foi feita durante entrevista coletiva, após palestra para mais de cem empresários baianos, promovida pelo Sindicato da Indústria Petroquímica e de Resinas Sintéticas da Bahia (Sinper) e Banco Bozano, Simonsen.

Para o ex-ministro, as principais dificuldades econômicas do País, no momento, são a inflação, a dívida externa, o déficit público elevado e a redução do nível de crescimento. "A solução é tecnicamente fácil. No passado, conseguimos colocar nossa economia no oitavo lugar do 'ranking' mundial", comentou.

O Brasil, na opinião de Simonsen, deve cortar o déficit público e fazer acordos com os credores externos, inclusive com os do Clube de Paris.

"O País tem de apresentar um bom programa aos credores", observou o ex-ministro.

Momentos antes, durante a palestra, ele qualificou de "ingênuo" a proposta de deságio da dívida externa brasileira, defendida, recentemente, pelo ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira. "O Brasil tem de apresentar um bom programa de negociação da dívida", ressaltou Simonsen, sem, entretanto, detalhar as bases desse acerto. Ele apenas acrescentou que a moratória tem de ser suspensa em algum momento, senão "se configuraria num calote".

ECONOMIA INTERNACIONAL

Discorrendo para a plateia sobre a situação econômica internacional, o ex-ministro afirmou que o desequilíbrio no balanço de pagamentos dos Estados Unidos constitui um problema de grandes proporções, com reflexos inevitáveis a nível mundial. "Apesar de sua potência, os Estados Unidos têm uma dívida de US\$ 300 bilhões, que cresce em ritmo acelerado a cada ano, pondo em risco todo o sistema financeiro, se ocor-

rer o colapso do dólar", explicou.

De acordo com Simonsen, este quadro da economia norte-americana poderá trazer consequências favoráveis, assim como outras negativas para os países subdesenvolvidos. "O aumento da taxa de juros, que já se iniciou há dois anos, a instalação de uma onda protecionista nos Estados Unidos e a propagação de uma recessão mundial a partir de uma recessão norte-americana", previu Simon-

sen, listando os possíveis efeitos favoráveis.

Por outro lado, o acentuado desequilíbrio na balança de pagamentos norte-americana levaria a uma queda da cotação do dólar em relação às outras moedas, processo que, segundo ele, iniciado há dois anos, beneficiaria os países endividados, possuidores de débitos em dólar. "Além disso, sobraria capital japonês e alemão, sobretudo, e também inglês, para investir no resto do mundo", complementou.